

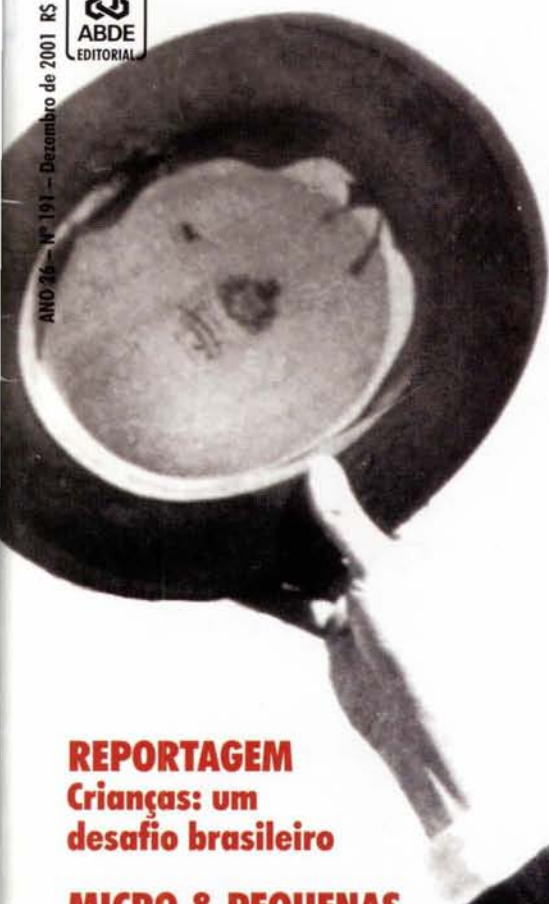
# Rumos

ECONOMIA & DESENVOLVIMENTO PARA OS NOVOS TEMPOS

ISSN 1415-4722  
9 771415 472003

00191 >

ANO 26 - Nº 191 - Dezembro de 2001 R\$ 4,00



O HOMEM QUE FEZ O BRASIL  
CRESCER 50 ANOS EM 5

**JK**  
**100**  
**ANOS**

## REPORTAGEM

Crianças: um  
desafio brasileiro

## MICRO & PEQUENAS

A força do artesanato

## ENTREVISTAS

- Marcílio Marques Moreira  
O Brasil e o mundo
- Bruno Stroppiana  
A indústria de cinema

**A HERANÇA DA EPOPÉIA  
DESENVOLVIMENTISTA**



SILVIA NORONHA

# A HERANÇA DA EPOPÉIA DESENVOLVIMENTISTA

**U**ma sociedade agropastoril, com pauta de exportações dominada por produtos primários, tais como café, açúcar, minério de ferro, fumo, carne. E aqui e ali, pequenas ilhas de desenvolvimento. Assim era o Brasil quando, em 1956, toma posse na presidência da República o mineiro de Diamantina, Juscelino Kubitschek de Oliveira, eleito com apenas 36% dos votos, numa época em que apenas 15% da população ia às urnas. Eram tempos de ressaca social e econômica em função do suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, num país em que quase metade dos adultos era analfabeta e 60% da população economicamente ativa trabalhava no campo.

Quando JK apresentou seu plano de metas prevendo crescimento de 50 anos em 5, a baixíssima auto-estima do povo brasileiro se manifestava até na dúvida quanto à capacidade de seus operários desenvolverem produtos mais elaborados, como o automóvel. O otimismo e a liderança do presidente, a postura de quem realmente seguia em frente com seu projeto, e sua crença de que o Brasil poderia, sim, deixar de ser subdesenvolvido mudaram de vez a "cara" da nação.

Cinco anos depois, o país apresentava, pela primeira vez em sua história, um PIB industrial maior do que o agrícola. A produção industrial havia saltado 80% no período. Entre as empresas instaladas, estavam as do setor automobilístico, eletrodomésticos e as siderúrgicas Usiminas e Cosipa. No terreno da infraestrutura, ele concretizou as hidrelétricas



Mario Fontenelle/DePHA-DF

Ele foi o grande condutor da epopéia desenvolvimentista. Introduziu o país na era da industrialização, levantou a auto-estima do brasileiro, construiu Brasília e, com inabalável otimismo e ética política, driblou crises e adversários, com um só objetivo: preservar a então ainda precária democracia brasileira. Depois dele, nem tudo foram flores. Pelo contrário. Apesar da multidão de excluídos do processo socioeconômico, o Brasil é, hoje, uma das 10 maiores economias do mundo e uma democracia que se fortalece. JK e o seu desenvolvimentismo tiveram papel decisivo nessa construção na qual ainda faltam muitas melhorias. *Rumos* fez um balanço da saga de JK e captou haver consenso de que manter viva a sua memória estimula a esperança e a luta dos brasileiros por um amanhã que pode e deve ser muito melhor do que hoje.

cas de Furnas e Três Marias; construiu a nova capital, Brasília, em apenas 42 meses; e abriu estradas onde antes nada havia, como a Belém-Brasília. O desenvolvimento passou a ser o centro do debate nacional, o que influenciou os anos seguintes. O povo, por sua vez, experimentava seus "anos dourados". Com a elevação da auto-estima, vieram o Cinema Novo, a Bossa Nova, e a primeira vitória na Copa do Mundo com o deslumbrante e inesquecível futebol de Pelé e Garrincha.

A importância e o diferencial de Juscelino ficariam marcados para sempre na história do Brasil, tanto que seu centenário de nascimento, em 12 de setembro de 2002, já mobiliza uma legião de ex-colaboradores, historiadores, amigos, familiares e pesquisadores em geral. No âmbito federal, foi instalada uma comissão organizadora das comemorações pelo centenário que, entre outros projetos, aprovou a produção do longa-metragem *De Nonô a JK*, de Zelito Viana,

a ser lançado no circuito comercial de cinema. Ao longo do ano também haverá exposição itinerante, seminários, o lançamento de vários livros e uma cartilha para estudantes.

**Personalidade e nacionalismo** – A obstinação desenvolvimentista do presidente o levou a atos de bravura que, associados ao seu carisma, geraram imediata valorização do povo brasileiro – que assim não se achava mais inferior ao resto do mundo, revertendo, ao menos durante aqueles anos, um complexo de raízes histórica. Uma dessas ações foi o rompimento com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em 1959, porque o organismo queria o equilíbrio fiscal. O órgão havia escrito em seu último relatório: "Lamentamos concluir que o Brasil não tem plano de estabilização". Se tivesse concordado com a exigência, o presidente seria forçado a interromper a construção de Brasília e isso estava fora de cogitação.

"O Fundo exigia cortes brutais nos

gastos públicos, queria ver recessão", relembra o ex-ministro Celso Furtado, que era nessa época diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE, ainda sem o "s" de social). No livro *A Fantasia Desfeita* (Editora Paz e Terra), Furtado, autor do documento técnico feito como justificativa ao FMI, relata o episódio: "O objetivo era deixar bem claro que a política de desenvolvimento não seria sacrificada para satisfazer exigências doutrinárias de uma agência multilateral que estava longe de desempenhar a missão para a qual foi criada, mas o que pesou efetivamente na decisão de JK foi a tentativa de forçá-lo a parar com as obras de Brasília. E ele teve apoio popular."

Político hábil, que não desdenhava de seus inimigos, JK driblou momentos difíceis, a começar pela Novembrada, movimento que queria impedir sua posse. Depois, outro feito: apesar da forte oposição no Congresso, conseguiu a aprovação da transferência da capital do Rio de Jane-



iro para Brasília devido a um detalhe importantíssimo, que havia incluído na mensagem enviada aos deputados. A inauguração da nova capital tinha data marcada: 21 de abril de 1960. “Nesse caso, os aliados foram os seus inimigos, porque a oposição aprovou a mensagem achando que



**CELSO FURTADO**

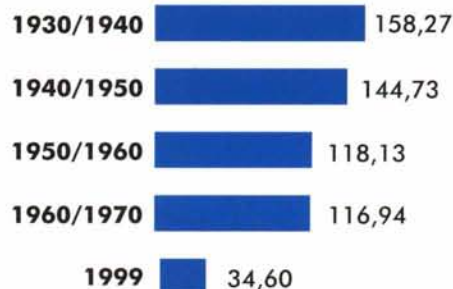
seria seu enterro político. Não acreditavam que conseguiria”, conta a única filha viva de Juscelino, Maria Estela Kubitschek Lopes, que mora no Rio de Janeiro.

O ex-governador do Distrito Federal, historiador e economista, Ronaldo Costa Couto, autor do livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*, lançado este ano pela Record

com o aval da Comissão Nacional do Centenário de JK, afirma que Juscelino soube pensar o Brasil com grandeza. A criação da Operação Pan-americana (OPA) é um exemplo no campo da política externa. Os anos 50 eram tempos de Guerra Fria, e os EUA estavam profundamente preocupados com a expansão política e econômica da União Soviética. Temia-se que a potência comunista viesse a superar os EUA, supremacia que de

fato tinha acabado de se manifestar no campo espacial com o lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik I, em 1957 – o que muito irritou os EUA. JK convenceu o presidente norte-americano Dwight Eisenhower a mudar sua política para a América Latina, passando a combater a ameaça do socialismo no conti-

## TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL NO BRASIL



Fonte: IBGE

nente com o desenvolvimento da região. Na esteira da OPA, foi criado o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em 1959, uma instituição reivindicada pelos latino-americanos, desde o final do século XIX. Os avanços diplomáticos aconteciam sem que o estadista precisasse sair de seu país. Como presidente

## MARIA ESTELA KUBITSCHKE LOPES

### A intimidade de um brasileiro singular, segundo sua filha

Um homem que valorizava o brasileiro, que achava mais importante dar atenção às pessoas simples do que às de posição social elevada, que fazia questão de que as filhas, Marcia e Maria Estela, se sentissem iguais aos outros, entendendo que apenas estavam em evidência naquele momento por serem filhas do presidente do país. Este era Juscelino Kubitschek na visão de sua filha, Maria Estela, que tinha 14 anos quando o pai tomou posse, em 1956. Formado em medicina, ele já vinha de longa carreira política, havia sido prefeito de Belo Horizonte, deputado federal e governador de Minas Gerais, senador e, posteriormente exilado político. Em 22 de agosto de 1976, ainda em plena ditadura militar, morreu num acidente de carro que há quem julgue suspeito.

A admiração pelo pai fica evidente em cada episódio lembrado por Maria Estela. Na adolescência na cidade onde nasceu e foi criado, Diamantina, ele leu todos os exemplares da biblioteca local e, ainda impulsionado por sua ânsia de aprender, começou a pedir livros empre-

tados aos vizinhos. Estudou no seminário, não porque desejasse ser padre, mas porque era uma maneira de ter acesso a um bom ensino gratuito, já que sua família vivia de forma modesta. No entanto, não escondeu dos padres a sua intenção e sua sinceridade lhe valeu os estudos. Uma imagem forte do homem JK é a do filho carinhoso de D. Júlia, que ele sempre reverenciou diante dos brasileiros.

Quando se mudou para Belo Horizonte, tinha apenas de duas a três horas de sono diárias, pois precisava estudar de dia e trabalhar à noite. “Ter visto a luta dos pais e sua formação de médico influenciaram o seu jeito de se importar com o outro. De certa forma, ele foi um médico para o Brasil; jogou essa característica na política e na administração”, diz Maria Estela.

Gostava de música, de criança, e era



Marcelo Corrêa

muito afetuoso em casa, companheiro e amigo, lembra, entusiasmada, a filha, ressaltando sua capacidade de estar disposto a ouvir o outro. “Ele queria que as pessoas acreditassem em si próprias, no seu potencial. Durante a construção de Brasília, fazia questão de parar para conversar com os operários. Alguns até duvidavam se era de fato o presidente. Meu pai perguntava por que eles tinham ido para lá, de onde eram, sempre valorizando o trabalho que estava sendo desenvolvido pela pessoa”, conta.

Em casa, era a mesma atitude, sempre motivando os demais e se preocupando que todos estivessem fazendo algo de que se orgulhassem. “Hoje, falta alguém como ele, que dizia que ia conseguir. Claro que nem tudo se consegue na vida, mas temos que tentar com convicção. Isso é liderança e está faltando no Brasil”, compara Maria Estela.

eleito, ele visitou os principais países do mundo em busca de apoio, mas depois da posse fez apenas duas viagens, uma para o Panamá e outra a Portugal.

**Pontos negativos** – “As teorias já provaram que o otimismo influencia a economia, que é feita em torno da expectativa que, por sua vez, acaba mudando a realidade”, observa o consultor sênior da Merrill Lynch e ex-ministro da Fazenda Márcio Marques Moreira, que nos anos JK era diplomata em início de carreira da embaixada brasileira em Washington. “Hoje falta o carisma do JK, que conseguiu criar uma espécie de utopia em torno do Plano de Metas e ajudou a mobilizar os sonhos”, avalia. Entretanto, complementa Márcio, o desenvolvimento, às vezes, foi a qualquer custo, ou melhor, “a um custo pago posteriormente”.

Para conseguir financiar o crescimento econômico, o presidente buscou investimentos diretos, muitas vezes com a concessão de subsídios, e também usou o modelo de *suplies credits* (créditos do fabricante) e *swaps* (troca de dólar por cruzeiro) em operações de crédito de curtíssimo prazo e, em geral, caros, base da difícil negociação que o governo seguinte, de Jânio Quadros, precisou enfrentar. Internamente, houve desequilíbrio entre receita e despesa e inflação, devido sobretudo à necessidade de financiar as obras de Brasília, erguida literalmente do nada, a partir do projeto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, tendo como construtor Israel Pinheiro. Foram dois ingredientes amargos: aumento da dívida externa e inflação, que saltou de uma média de 13,5% ao ano, entre 1948 e 1955, para 22,4%, entre 1956 e 1961.

Os números levam muitos estudiosos a crerem que Brasília foi um erro, por causa do volume de recursos aplicados – valor este não calculado até hoje – num investimento sem retorno econômico direto. Um dos que têm essa opinião é o economista Antonio Dias Leite, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Os pontos negativos do período foram o descuido com os gastos públicos e o custo de Brasília; quanto à dívida externa, os números eram preocupantes, mas ela era baixa, nada parecido com os números de hoje”, lembra ele que, poucos anos depois, no governo João Goul-



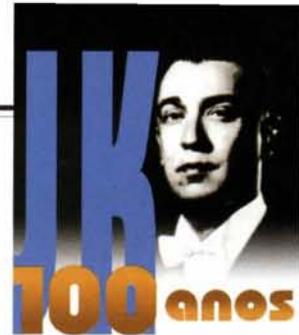
Renan Cepeda

ANTONIO DIAS LEITE

lart, ocuparia o cargo de secretário de Política Econômica do ministro da Fazenda San Tiago Dantas.

Anos mais tarde, em seu livro de memórias *As Curvas do Tempo*, Oscar Niemeyer se referia à capital contando que “Brasília surgiu como uma flor do deserto, dentro das áreas e escalas que seu urbanista criou, vestida com as fantasias da minha arquitetura. E o velho cerrado cobriu-se de prédios e gente, de ruído, tristezas e alegrias”, escreveu. “Estamos longe de tudo, no fim do mundo”, descreveu Niemeyer, ao lembrar de sua ida ao Planalto Central para, junto com Israel Pinheiro, escolher o ponto onde seria erguido o Palácio Alvorada, residência oficial do presidente.

Conforme lembra Costa Couto em

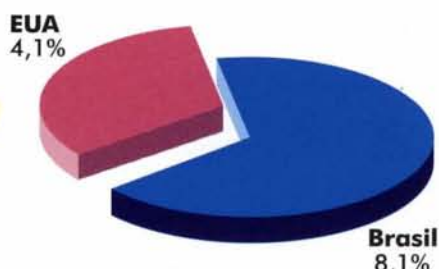


seu livro, em 1º de novembro de 1956 havia 232 operários em toda a área demarcada. Em fevereiro de 1957, os chamados “candangos” eram cerca de 3.000, número que continuou crescendo vertiginosamente até que, em 1959, um ano antes da inauguração, a população local já superava os 30 mil, parte deles moradores da primeira cidade-satélite, Taguatinga. E a cidade se tornaria objeto de acalorados debates, com muitas críticas. O antropólogo Gilberto Freyre considerava a nova capital uma cidade não-brasileira; para Roberto Campos – que foi presidente do BNDE no período JK –, um mau gosto monumental. Mesmo assim, em 1987, a capital seria declarada pela Unesco Patrimônio Cultural da Humanidade.

Aliás, não apenas a capital receberia grandes contingentes populacionais. A taxa de urbanização, que já vinha crescendo nos anos anteriores, aumentava bastante, numa migração natural para as cidades que se desenvolviam. Na época, esse fenômeno era visto com bons olhos, resultado de uma sociedade que deixava de ser agropastoril. Em 1950, 36% dos habitantes do país moravam em cidades. Em 1960, o percentual saltava para 44% e, em 1970, para 56%. Hoje, está em 81,23%.

**JK, Brasília e o Golpe de 64** – O ex-ministro Celso Furtado avalia com certa gravidade o episódio financeiro demandado pela construção da nova capital: “No setor externo, teve início a acumulação de uma dívida cuja reciclagem se faria

**CRESCIMENTO ECONÔMICO**  
(Média anual do país no governo JK)



Fonte: Crescimento Econômico (José Olimpio Ed., Antonio Dias Leite)

**MÉDIA DE 1991 A 2000**



Fonte: Elaboração e cálculo de Reinaldo Gonçalves com base em MADDISON (1995) e FMI (2000)



HÉLIO JAGUARIBE

adiante, com sérias concessões ao FMI. Era o ponto de partida do período de desequilíbrios macroeconômicos que conduzirão à situação de semigoverno que servirá de justificativa para o Golpe de 64", relata no livro *A Fantasia Desfeita*. Celso Furtado lembra, entretanto, que a crise no balanço de pagamentos do país se deveu muito, naquela época, à crise do café — um dos principais itens da pauta nacional de exportações —, cuja saca baixou de US\$ 59, em 1957, para US\$ 53,4 no ano seguinte, e para US\$ 43,3 em 1959. "A perda anual era de US\$ 230 milhões, enquanto os compromissos financeiros do país, em 1959, eram de US\$ 350 milhões", compara.

"Associar o golpe como consequência é um exagero", discorda Marcílio Marques Moreira. Segundo ele, havia possibilidade de encontrar uma saída, o que não foi possível. O presidente Jânio Quadros, o sucessor de JK, que tomou posse em 1961, tentou adotar um plano de estabilização, porém não conseguiu apoio e acabou renunciando. "A inflação foi elemento importante na fragilização institucio-

nal no país, mas não se pode atribuir só a JK outros fatores como a trajetória conturbada de Jango, mudança nos ministérios influenciaram", acrescenta Marcílio.

Ronaldo Costa Couto também discorda da idéia de Brasília ter sido um antecedente decisivo das crises de governabilidade dos anos seguintes. Ele lembra que o ex-presidente Tancredo Neves achava que 1954 teria sido 1964, não

fosse o suicídio de Vargas, pois as lideranças dos dois períodos eram as mesmas e os objetivos, idem: "O golpe estava latente,

há muito tempo, emoldurado pela Guerra Fria."

A situação política nos anos 50 era de fato conturbada, tanto que culminou com o suicídio de Getúlio Vargas. A decisão de tirar a capital do Rio de Janeiro e transferi-la para local distante das classes dominantes pesava bastante na obstinação de JK pela idéia, e não apenas porque queria levar o desenvolvimento para o interior do país ou porque a mudança estava prevista na Constituição em vigor, a de 1946. O projeto havia sido inserido em outras duas constituições e nem por isso foi adiante.

Juscelino vislumbrava Brasília como protetora da democracia no país, pensamento hoje lembrado por sua filha, Maria Estela. O Rio de Janeiro era local política-

## WILSON AMENDOEIRA

### Com JK, o Brasil levantou a sua auto-estima, mas ela ainda está em construção

Foi nos anos JK que a auto-estima do brasileiro começou a melhorar de nível. Antes, ele se julgava inferior ao resto do mundo. Esse desvalor tem raízes tão profundas que nem o fato de o Brasil ter se alçado à condição de uma das 10 maiores economias do mundo conseguiu apagar de todo. Ela ainda está presente na vida nacional. O otimismo e a personalidade forte de presidente JK, um líder entusiasmado com o Brasil, funcionaram como um modelo identificatório rapidamente assimilado pelo povo, numa época em que, até então, os produtos somente tinham valor se fossem *made in*, ou seja, importados. A instalação de indústrias, no país, para atender ao modelo de substituição de importações fortemente acelerado por JK, foi um dos pontos que fortaleceram o sentimento de capacidade do povo.

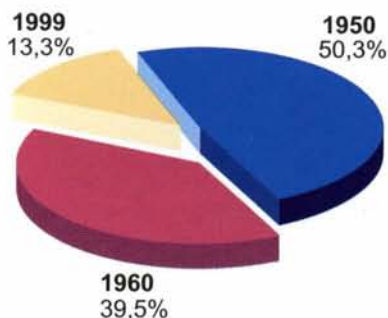
"Já não éramos tão inferiores assim", ressalta o psicanalista Wilson Amendoeira, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise e ex-presidente da Federação Brasileira de Psicanálise, que vem, há anos, estudando a formação da identidade nacional. A construção de Brasília, capital arrojada, de concepções modernas e admirada pelo Primeiro Mundo, também fez parte desse processo

de elevação da auto-estima. Como consequência, vieram realizações socioculturais importantes como a Bossa Nova, o Cinema Novo e a primeira vitória na Copa do Mundo.

"JK trouxe a descoberta de que nós éramos iguais a todos no mundo", avalia o psicanalista. Ele ajudou a atenuar um sentimento de inferioridade que remonta ao descobrimento do país, em 1500. Os descobridores portugueses fundaram o mito do Eldorado — de que abaixo do Equador estava o éden — e isso teria motivado, em grande parte, a fantástica aventura marítima dos portugueses e espanhóis. "O mito do Eldorado é o mito fundador do país, enraizado em todos nós por ser característica muito forte na construção da identidade brasileira", esclarece o psicanalista. Juscelino, de certa forma, ressuscitou esse mito, ao construir Brasília no Centro-Oeste, e o usou como componente do seu carisma.

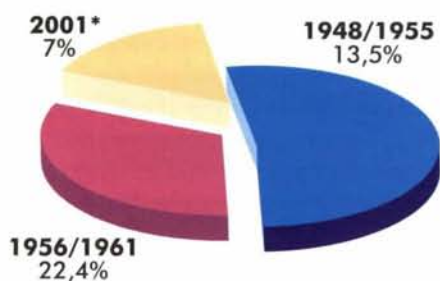
O problema foi o modelo de colonização centrado, primeiro no trabalho do índio, indolente, e, depois, do africano trazido como escravo. O índio e o negro, importantes matrizes da nacionalidade brasileira, sequer eram considerados seres humanos. Os negros, sobretudo, eram mercadorias. No Brasil

## ÍNDICE DE ANALFABETISMO



Fonte: IBGE

## INFLAÇÃO MÉDIA ANUAL NO PERÍODO



\* Estimativa

Fonte: Crescimento Econômico (José Olímpio Ed., Antonio Dias Leite) e Banco Central

mente perigoso e manter a sede e manter, nessa cidade, a sede da República era estar sob constante ameaça de ingovernabilidade. O próprio Juscelino, avaliando a renúncia de Jânio Quadros, no segundo

semestre de 1961, associava a importância da nova capital. "A democracia brasileira dificilmente poderia resistir a uma prova como essa a que foi submetida (renúncia de Jânio), se a sede do governo federal tivesse continuado em Brasília", escreveu no livro *A Marca do Amanhecer*.

Entretanto, muito se critica o isolamento do poder com a nova capital, o que rendeu a Brasília o apelido de "Ilha da Fantasia". O ex-governador Ronaldo Costa Couto, mineiro de nascimento e brasileiro de coração, rejeita a teoria apresentando uma outra tese: "Nesse palco-capital, autores, produtores, diretores, atores protagonistas e coadjuvantes vêm quase todos de fora. Se a voz das urnas melhorar, o palco vai refletir isso. Se piorar, também."



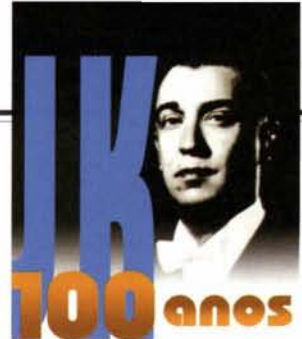
Felipe Goffman

dos seus direitos. JK, um *self made man*, filho de pobres, ex-telegrafista, que conseguiu se formar em Medicina e chegou ao mais alto posto da nação, era a personificação da auto-estima. Ele encarnava a auto-realização e usou muito isso para motivar os brasileiros a acreditarem na sua própria força criadora. JK chegou à presidência depois que Getúlio Vargas já havia assegurado os direitos mínimos do trabalhador, com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o salário mínimo, etc. Meio caminho já estava andado e, com sua visão de estadista, reconstruiu a identidade nacional, lançando mão até mesmo de um certo messianismo.

Amendoeira destaca, no entanto, que não se muda o caráter do povo numa geração. Só a continuidade do desenvolvimento em regime de liberdade pode fazer com que o povo não mais se sinta alijado do processo político: "A baixa auto-estima tem a ver com não-pertencer à sociedade, com a condição de subumanidade, que reforça a sensação de que somente os ricos merecem viver bem." No Brasil, o altíssimo número de excluídos ainda é, hoje, um obstáculo à construção de uma auto-estima sustentada no tempo e no espaço.

colônia, havia um grupo de "eleitos" pelo rei de Portugal, os quais se outorgavam a possibilidade de serem "donos" do Brasil e, caso algo fosse mal para eles, o Estado tinha que socorrê-los. Essa casta dominante não precisava trabalhar para construir ou manter sua riqueza. "O trabalho não tinha muito valor, por isso eram os negros escravos que produziam, enquanto os 'eleitos' vivam bem sem fazer calo nas mãos", aponta o psicanalista. Isso persistiu, após a Independência, no Império – e, mesmo com a instalação da República, em 1889, quase nada mudou para o homem comum. Até hoje, há reminiscências dos antigos coronéis, os antigos donos do país.

Foi no século XX que isso começou a mudar, com o movimento internacional que deu aos trabalhadores consciência



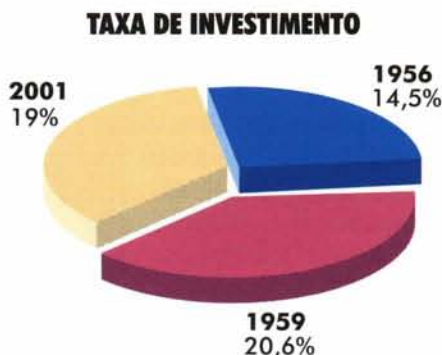
No plano social, analisa Celso Furtado, a construção de Brasília também gerou efeitos negativos, porque os investimentos nesse setor foram reduzidos e o salário real diminuiu, em consequência da pressão inflacionária. Como lembra o também ex-ministro Marcílio Marques Moreira, o modelo de desenvolvimento do pós-guerra era o econômico e o material; também não havia preocupação com a distribuição de renda.

**Teoria diferente** – Nos anos 50, dominava a corrente de pensamento desenvolvimentista, que repelia políticas de estabilização, conforme analisa o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ricardo Bielschowsky, economista da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). Achava-se que a única maneira de combater a inflação seria alterando as condições estruturais que a provocavam e isso deveria ser feito por meio de crescimento econômico. Assim foi feito, e o país, que já vinha registrando taxas altas de elevação do PIB, recuperou-se do baque provocado pelo suicídio de Vargas e voltou a crescer com JK, a taxas médias muito superiores às dos países desenvolvidos. De 1956 a 1961, os EUA cresceram média de 4,1% ao ano, enquanto o Brasil, 8,1%.

Naquele tempo, quando sequer havia no país um Banco Central ou uma clareza total a respeito dos dados orçamentários, também não havia motivos para se preocupar tanto com a economia financeira e monetária mundial e sim com a economia física, ou seja, investimentos diretos que modernizavam o Brasil, geravam emprego e melhoravam a qualidade de vida da população. Dias Leite, autor de *Crescimento Econômico – Experiência Histórica do Brasil e Estratégia para o Século 21* (José Olímpio Editora), ressalta a importância desse aspecto para o desenvolvimento nacional. "Hoje, o domínio do pensamento monetário-financeiro fez com que se relegasse a segundo plano a base física da economia. É essa base que dá origem ao emprego", compara o economista, para quem atualmente "pior do que os

números da economia brasileira é o estado de espírito". Segundo avalia, as empresas produtivas continuam interessadíssimas no Brasil, tanto que multinacionais como a Nestlé, Roche e outras vêm anunciando investimentos no país; porém a dificuldade é como conviver com a economia financeira.

Na comparação com o Brasil de hoje, muitos economistas sentem a falta de um projeto nacional, o que JK soube tão bem desenvolver com seu plano de 31 metas, embora sem uma linha de estabilização, o que hoje existe, ressalta Marques Moreira, que, apesar disso, detecta um certo desencanto na população. Também defendem um projeto nacional Ricardo Bielschowsky e o decano do Instituto de Estu-



Fonte: *A Fantasia Desfeita* (Ed. Paz e Terra, Celso Furtado) e IPEA

dos Políticos e Sociais (Iuperj) e ex-ministro de C&T, Hélio Jaguaribe.

"O legado de JK deve ser, hoje, ponto de referência, sob pena de se colocar em risco o conceito de nação autônoma. O

problema número um do futuro governo é restaurar a esperança com projetos nacionais viáveis e liberar o país da hipoteca em que se encontra em relação ao sistema financeiro internacional", defende Jaguaribe. Outro ponto citado por ele é que o capital estrangeiro precisa ser usado para fins nacionais, o que Juscelino soube fazer. Para Dias Leite, a lição seria reconhecer que o país ainda é subdesenvolvido e que não será obedecendo a todas as regras dos países de Primeiro Mundo que irá sair do patamar atual.

**Origens da industrialização** – "As estratégias de desenvolvimento não saem do vazio; elas vêm de tendências históricas. Assim, JK não 'inventou' a industrializa-

## BOLÍVAR LAMOUNIER

### JK: um democrata da melhor escola

O cientista político Bolívar Lamounier destaca o lado democrata do presidente Juscelino Kubitschek como um legado de extrema importância para o Brasil. Na sua visão, JK teve o mérito de pensar grande, atraindo para o seu projeto até mesmo os adversários políticos, os quais não tratava com desdém.

#### Qual o legado democrático dos tempos de JK?

JK entrou para a história como um símbolo democrático muito importante, no qual eu destacaria três traços. Primeiro, a atitude de grandeza. É fundamental para o desenvolvimento de uma democracia que os líderes "pensem grande", isto é, que deixem de lado as picuinhas, os pequenos rancores, e façam com que outros líderes importantes também pensem e ajam dessa forma. Segundo, a idéia de moderação, ou melhor, o respeito pelos adversários políticos e, principalmente, não os encarando como inimigos. Não considerar a disputa política uma luta radical, a ser travada a qualquer preço. JK teve seu mandato contestado por facções militares, logo no início de seu governo, e foi combatido com aspereza pela oposição, mas não permitiu em momento algum que as tensões decorrentes desses fatos alterassem a sua forma de conduta.

#### Como o senhor avalia o otimismo da sociedade naquele período?

Eu diria que foram três fatores, que se reforçaram mutuamente. De um lado, o otimismo se desenvolveu como uma resposta da sociedade ao sentimento positivo gerado pelo governo, sobretudo pela figura risonha e otimista de JK. De outro, o desenvolvimento. Tínhamos, assim, na política, uma atmosfera de descontração, encarnada pelo presidente, em contraste com o tenso período anterior, que culminara no suicídio de Getúlio Vargas. Na sociedade e na economia, já havia a percepção muito concreta de que o país começava a crescer economicamente e a se modernizar. Vivíamos os primórdios da industrialização, simbolizada pela indústria automobilística. Com a urbanização, víamos surgirem grandes cidades, e isso, naquela época, era muito bom, tinha uma conotação positiva de que nos tornávamos mais "civilizados", e não essa conotação negativa de hoje, em que cidade grande é praticamente sinônimo de violência e criminalidade.

Finalmente, como terceiro fator importante, nós, brasileiros, começamos a nos sentir mais seguros e otimistas no tocante a nossa identidade cultural. Seguros de que somos realmente um povo, de que as deficiências de nossa formação his-



Vidal Cavalcante/AE

tórica podem ser superadas e, principalmente, de que somos criativos e talentosos. As conquistas esportivas e artísticas daquela época, como a Copa de 1958 e a intensa produção musical, sem esquecer a literatura e outros campos de atividade, refletiam esse sentimento que começara a se desenvolver e lhe davam base real.

#### Esse clima de otimismo exerceu forte influência também no campo político?

Mesmo na política – área em que os brasileiros hoje cultivam um pessimismo horroroso, em grande parte irracional –, o fato é que uma parcela significativa da sociedade se sentiu orgulhosa, naqueles cinco anos de JK. Sentiu que estávamos amadurecendo como democracia, e isso numa época em que ela permanecia problemática, para dizer o mínimo, em mui-

## EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO BRASIL



\* Ano de nascimento de JK

Fonte: IBGE

ção, ele captou uma tendência que vinha do governo de Vargas, viabilizando financiamentos e investimentos", avalia Bielschowsky. São do período Getúlio Vargas estatais de 'pesos', como a Eletrobrás e a Petrobras e ainda o BNDES.

tos países da América Latina e não existia em países como Portugal e Espanha, submetidos havia muito às ditaduras de Salazar e Franco.

Findo o governo JK, o Brasil entrou, infelizmente, num período de instabilidade e viu o seu desenvolvimento, tanto político como econômico, comprometido por muitos anos. Mesmo assim, acho que os símbolos da era JK foram e permanecem importantíssimos para o país. No que se refere à esfera política, essa importância é ainda maior, uma vez que o Brasil daquela época ainda engatinhava no desenvolvimento da democracia. Apenas uma pequena parcela – cerca de 15% – da população total estava habilitada a votar, em contraste com os 65% atuais. A Guerra Fria, polarizando internacionalmente as idéias de esquerda e direita, comunismo e anticomunismo, tinha reflexos internos muito difíceis e desestabilizadores. Sem falar, é claro, nos nossos indicadores sociais, muito piores que os de hoje, uma vez que mais da metade da população vivia em áreas rurais e pequenos municípios, em condições muito ruins. Entendo, e digo isso sobretudo à luz desse quadro social e político, que o legado histórico de JK permanece como um ativo importantíssimo para o Brasil atual.

Celso Furtado diz que países exportadores de matérias-primas como o Brasil foram forçados a optar por mudar sua estrutura ou então teriam de aceitar posições cada vez mais subalternas no plano internacional. Antes da Segunda Guerra Mundial, o crescimento das economias capitalistas estava fundamentado no dinamismo do mercado interno de cada nação, que crescia muito mais do que as transações externas. Na época, o comércio internacional se pautava na compra de matérias-primas de países subdesenvolvidos como o nosso. De acordo com Furtado, esse modelo favoreceria a autonomia de decisão dos países do Primeiro Mundo, ao colocar os demais em situação de dependência, pois só tomavam contato com produtos manufaturados por intermédio da importação de bens.

Na década de 50, o quadro começa a mudar a partir de uma maior integração entre os grandes mercados. Assim, de 1950 a 1955, a produção manufatureira cresceu 39% nos EUA e 30% na Europa Ocidental, cujos PIBs se expandiram 29% e 20%, respectivamente. No mesmo período, o comércio mundial de matérias-primas, no qual estava inserido o Brasil, apresentou elevação de apenas 12% ou somente de 6%, excluindo-se o petróleo. Estava excluída para o Brasil a possibilidade de um desenvolvimento apoiado na exportação de produtos primários, avalia o ex-ministro.

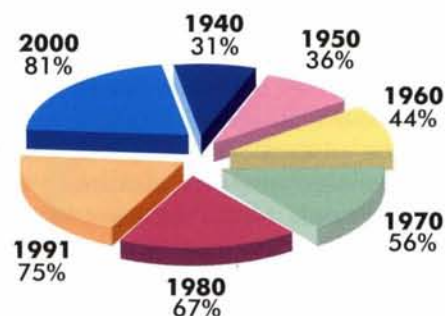
Portanto, a industrialização dos anos 50, iniciada com Vargas e reforçada com JK, baseava-se na formação do mercado interno protegido e na substituição das importações. "Não só a identificação do que fazer era mais fácil, como a equação financeira também se mostrava relativamente tranquila", observa Bielschowsky. Além disso, os países europeus já tinham se recuperado da Segunda Guerra, havia



liquidez internacional e JK, sabendo aproveitar o momento, soube mobilizar os agentes para o desenvolvimento.

Um erro citado por Furtado é que a política de industrialização não teve a preocupação de trazer a criação tecnológica para o Brasil. Assim, as subsidiárias das multinacionais recebiam a produção tecnológica da matriz e as empresas nacionais também não se esforçavam, acreditando que podiam importar inovações. Além disso, como o modelo era de industrialização protegida, as disparidades regionais foram acentuadas, gerando prejuízos para o Nordeste que, apesar de apre-

## TAXA DE URBANIZAÇÃO DO PAÍS



Fonte: IBGE

sentar consideráveis saldos de exportação, era obrigado pela barreira protecionista a adquirir muitos produtos no Centro-Sul a preços mais altos dos que antes conseguia no mercado internacional. Como a questão da regionalização já estava evidente, em 1958, foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), sob a responsabilidade de Furtado.

Hoje, o panorama econômico é outro. "Há problemas fiscais mais graves e a direção não parece clara", afirma o economista da Cepal, que enxerga a redução da participação do Estado na economia como única estratégia dos últimos anos, o que até poderia ser classificado como uma "não-estratégia". O projeto nacional de hoje, segundo ele, é uma discussão em aberto, um vazio que poderá ser preenchido pelas propostas dos candidatos a presidente nas eleições de 2002. □